

# Um século de filmes

Juremir Machado da Silva\*

Há os que criticam por inveja. Pior, muito pior, são os que elogiam por inveja. Mas isso já é uma repetição. Um filme revisto, em casa, na telinha, na sessão da tarde. Às portas do século 21, os imaginários da intriga e da ideologia marcham apressados para o século 19. Qual o maior filme do século 20? A questão borboleteia nas páginas amareladas das revistas e dos jornais recém-publicados. Números, visões de mundo, imaginários sem imaginação. Ânasia, vasta ânasia de hierarquizar o que os sentimentos insistem em desorganizar.

Santo positivismo da arte que se deixa impregnar pelo desejo de ordem no campo infinito da arte. Neo-liberalismo com velhas roupas que só pensa no resultado, no impacto, na influência, na determinação. E se o filme do século fosse o conjunto desordenado de um século de filmes? E se Fellini e Bergman fossem apenas (como se alguém pudesse dizer "apenas" diante de nomes que nunca fizeram por menos) outra forma de enunciar o mesmo com o talento individual que jamais é único, mas sempre singular?

Num século de filmes, cada imagem é um quadro vivo exposto para a janela de um trem extraviado. A Estação Finlândia, porém, era apenas um simulacro, uma cena, uma imagem de filme. O cinema não mente. Transfigura. Facilmente, entre duas tomadas, seria possível indicar os dez filmes que abalaram o mundo. Aos poucos, como os fatos,

sobrevivem na solidão das páginas gloriosas de um tempo de ousadia. Vertigem, voracidade, vã hegemonia do efêmero. Passam os livros, os filmes, as artes. Ficam as sombras das hierarquias. Simulações de ordem num universo decomposto, sangrado pela novidade.

A verdadeira cinemateca de Babel existe. Porém. No imaginário de cada espectador subsiste



**WHEN NIGHT IS FALLING**  
Directed by Patrícia Rozema.

(l-r) Pascaline Bussièrès (Camille) and Rachael Crawford (Petra) in *When Night is Falling*, directed by Patrícia Rozema.

Photo: CAROLINE BENJOU



um depósito de fragmentos. Imenso patrimônio de emoções descosturadas. Relicário de infância, de adolescência, de desiludida maturidade. *Ohomo cinens* participa do sonho quando anda de quatro patas; idealiza quando, na força da coração, aposta na cultura do sentimento e na velocidade das suas duas pernas; retorna ao escurinho da sala de projeção para entregar-se à nostalgia quando, lentamente, afirma-se sobre um tripé para deslizar ao *The End*.

Um século de histórias filmadas. Pela primeira vez, a ilusão do real converteu-se em real e a realidade em ilusão. O fato passou. Ficou a versão que ainda lhe garante um mínimo de existência. Para os realistas, a fábula traiu o passado. Para os fabuladores, o passado alimentou o delírio. E se Lênin na Praça Vermelha fosse apenas um personagem de Reed? E se Reed fosse somente uma alucinação de *Reds*? E se *Reds* fosse apenas uma insolação de Beatty? Palavras. Jogo. Blefe. Na História não existe o "se". Se há cinema é porque o "se" rasga uma brecha no discurso da verdade histórica.

Talvez o século 20 não tenha sido o que os livros contarão sobre ele. Com certeza, os filmes do século não mentirão. O cinema nunca mente. Nem quando mente. Pois está fora do domínio da verdade. Logo, nas projeções do século, nunca se encontrará o documento, nem mesmo no documentário. Restará uma tela de proteção contra o real. Curiosamente, o cinema realista foi o que mais sucumbiu à desilusão do tempo. Cemitério da realidade, o cinema mostra o que não foi, mas poderia ter sido, o que poderia ter sido, mas não necessitava ser, o que se impõe por ser inútil.

Se o capitalismo surgiu da ética protestante, sobrevive da morte da ascese. Se o cinema nasceu do inútil, tornou-se uma fábrica de utilidades virtuais. Weber e Bataille trabalharam em oposição para assentar o império de Hollywood. O real nunca passou de uma miragem. O cinema deu-lhe um estatuto, um lugar, uma luz, um brilho novo e irreduzível, a possibilidade infinita de ressurgir das trevas para narrar-se como encadeamento, como lógica, como sucessão de fatos verossímeis e corporificados na incorporeidade da imagem.

Mas também o cinema teria de encontrar o seu limite, a sua fronteira agreste, o ponto de fuga incontornável, implacável, a sedução maldita da parte imponderável e imortal: a vaidade. Vaidade da sedução. O filme do século queima na fogueira dos mitos enquanto o desejo reacende a chama que esquentava a engrenagem. Cinema é movimento.

Movimento é impressão. Imprime-se ao real uma imagem que não lhe pertence. Demiurgo, o homem eleva-se acima dos outros e refunda a criação. Do real ao virtual: uma história universal das vaidades. Eis o verdadeiro filme do século.

Vaidade não significa consumir-se no doce vício. Pode ser também o consumir-se na ruptura. Nem real nem virtual, o cinema do século representa um século de evolução do imaginário. Não só construção imaginal, mas um imaginário em construção. Pela destruição dos preconceitos. Um beijo feminino no anonimato de um filme menor ilumina uma trilha de atos maiores praticados na penumbra da moral. Acesas as luzes, a realidade apaga-se. Sobram *Os Vivos e os mortos*.

\* Escritor, sociólogo, jornalista e professor da FAMECOS/PUCRS. Autor, entre outros livros, dos romances *Cai a noite sobre Palomas* e *Viagem ao extremo sul da solidão*.